

Disputar O Presente, Construir O Futuro:

UNE na luta pela Universidade Popular e pela redução da jornada de trabalho

CONJUNTURA

A **crise capitalista**, agravada desde 2008, entra em nova fase: desigualdade, superexploração, militarismo e disputas interimperialistas marcam o cenário. EUA e China disputam hegemonia; guerras na Ucrânia e Palestina aprofundam contradições. A “multipolaridade” não significa avanço progressista, mas competição imperialista e miséria.

A democracia liberal está em crise. O Estado burguês protege o capital, e, sem alternativa revolucionária, a extrema-direita canaliza o descontentamento. A esquerda conciliadora e a fragmentação dos movimentos bloqueiam um projeto socialista de massas. À juventude comunista cabe organizar, formar e **lutar por uma saída socialista**.

No Brasil, a vitória de Lula-Alckmin representou a derrota eleitoral do bolsonarismo, mas manteve a política de conciliação de classes e abriu espaço para a continuidade dos **ataques burgueses**:

- **Arcabouço Fiscal** impõe cortes e privatizações;
- **Pisos constitucionais ameaçados**;
- **Austeridade e congelamento salarial seguem**;
- **A repressão e a militarização** continuam.

A **luta contra a escala 6x1**, aprofundada pela contrarreforma trabalhista, é central: precariza vidas e impede a permanência de estudantes pobres na universidade. A pauta da **jornada de 30h semanais (4x3)** unifica a classe trabalhadora. O governo se omite, mas a mobilização cresce.

EDUCAÇÃO

A educação superior está cada vez mais precarizada e mercantilizada — herança de governos anteriores e realidade mantida sob Lula-Alckmin. O **subfinanciamento inviabiliza o funcionamento das universidades**, que enfrentam déficits bilionários.

Enquanto isso, o **capital privado domina o setor**: financia pesquisas públicas, impõe a financeirização do ensino privado e amplia o **EAD**, que precariza o ensino e endivida a juventude.

Defendemos romper com o projeto burguês e construir uma **Universidade Popular**: pública, gratuita e a serviço da classe trabalhadora. Queremos:

- Fim da terceirização e efetivação imediata;
- Reposição de quadros via concurso;
- Combate ao EAD e revogação de normativas que o ampliam;
- Estatização dos conglomerados privados
- Acesso universal ao ensino superior;
- Anulação das dívidas estudantis do FIES.

POR UMA UNIVERSIDADE POPULAR!

Fim do vestibular: enquanto existir, haverá exclusão social. Defendemos cotas, mas lutamos pela **universalização**: todo jovem que conclua o ensino médio deve ter direito ao ensino superior público.

Permanência estudantil como direito: a evasão reflete ausência de políticas estruturais. Defendemos:

- RU gratuito e público;
- Por mais creches;
- Apoio à saúde mental e a estudantes PCDsl;
- Orçamento permanente para permanência.

Sem isso, estudantes pobres são empurrados ao trabalho precário.

Romper com a mercantilização da pesquisa: hoje, subordinada ao mercado e precarizante para pós-graduandos. Defendemos:

- Pesquisa orientada pelas necessidades populares e soberania nacional;
- Reconhecimento da pesquisa como trabalho com direitos;
- Gestão democrática da ciência com protagonismo dos trabalhadores.

Por uma Universidade Popular: estatal, gratuita, laica, presencial, universal, sob controle popular.

- Conselhos Populares paritários;
- Financiamento 100% público;
- Sistema Nacional de Universidades Autônomas, controlado pelos trabalhadores.

MOVIMENTO ESTUDANTIL

A UNE, antes ferramenta de luta, hoje atua como correia de transmissão do governo Lula-Alckmin, bloqueando mobilizações e esvaziando espaços democráticos. A direção majoritária, hegemonizada por setores governistas, evita confrontos e adapta-se à conciliação, mesmo diante dos cortes e da destruição das universidades.

A Oposição de Esquerda, onde atuamos com setores do PSOL e do Movimento Correnteza, enfrentou essa paralisia, mas não se consolidou como polo estratégico e independente. A entrada da Juventude Sem Medo na majoritária mostrou os limites desse espaço. Para nós, é preciso construir uma **alternativa política revolucionária, socialista e independente frente ao governo.**

Demos passos importantes com plenárias e campanhas conjuntas entre setores combativos. Agora, é hora de aprofundar esse caminho, disputando Centros e Diretórios Acadêmicos, DCEs e Uniões Estaduais, e reconstruindo a UNE pela base. O movimento estudantil deve romper com o hegemonismo governista e retomar seu papel

histórico: ser ferramenta de luta contra o neoliberalismo, a precarização e pela transformação socialista da universidade e da sociedade.

CONCLUSÃO

Disputar o presente é romper com o governismo, organizar a luta pela Universidade Popular, pelo fim do vestibular, pela permanência como direito e pela jornada de 30h semanais.

Construir o futuro é formar, no presente, a consciência e a organização revolucionárias necessárias à superação do capitalismo e à construção do socialismo-comunismo no Brasil.

Esse é o compromisso da União da Juventude Comunista ao apresentar suas teses ao 60º CONUNE.

Leia na íntegra:

<http://bit.ly/40AVNYC>